Anno 3.° Guimarães, 9 de Março de 1906 Numero 118

Preço da assignatura

Anno . . . . . 1$300 rs.
Semestre . . . . . 650 „
Trimestre . . . . . 350 „
Numero avulso . . . . . 30 „

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha . . . . . 20 „
No corpo do jornal . . . . . 100 „

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel
José Maria Nunes Guimarães

A mania das apotheoses

(Pseudo-heroes—Profanação—Imprensa cathólica—Clero)

Portugal é verdadeiramente o pais das bagatellas. Uma coisa, que outrora, em tempos de mais gravidade, não excedia a craveira dum successo normal, sublima-se hoje à plana das grandezas épicas.

Faça-se todavia justiça: a maioria, a grandíssima maioria do povo desinteressa-se absolùtamente, ignora até, a existência das exaggeradas solemnizações com que diàriamente se faz a indevida apotheose de personagens que elle desconhece.

Assim, essas festas, que falsamente chamam nacionaes, nada mais significam que as admirações mais ou menos conscientes ou inconscientes, os enthusiasmos mais ou menos sinceros ou postiços, duma pequena legião de sujeitos apostados em figurar por qualquer via.

Os monumentos públicos, que só deviam celebrar feitos memoraveis e excepcionaes, que requeressem tal preito da gratidão nacional, estám-se ahi prodigalizando sem critério a personagens sem méritos singularmente distinctos, ou até assignalados por fecundos maleficios.

Quem será capaz de nos demonstrar que os serviços prestados à nação por Eça de Queiroz o tornavam crèdor dum monumento público erigido na capital do reino? Quando a um homem destes, cuja principal façanha é ter corrompido bastantes almas com escriptos de mediocre valor litterário, se levanta uma estátua, como será possivel celebrar dignamente a gloriosa memória desses verdadeiros heroes, desses insignes benfeitores públicos, de que está cheia a história pátria?

Agora falla-se de Camillo Castello Branco. Là estám nomiadas em Lisbôa várias commissões para lhe promover estrondosa apotheose. O país—é claro—ignora tudo; e aquelles mesmos que têm bebido o veneno dos seus numerosos romanses, importam-se pouco da glorificação de quem os escreveu. Outros sam os sentimentos que semelhantes leituras alimentam nos corações.

Não acabamos de nos convencer da razão que haja para mais esta apotheose. Debalde percorremos a história do desditoso romansista, debalde consultamos as suas mais fervorosas apologias, debalde invocamos o depoïmento de quantos delle têm algum conhecimento: não encontramos serviços que mereçam a celebração que planeiam fazer-lhe.

Por certo que é cegueira nossa. Mas o nosso prezado leitor, que sem dúvida tem o espírito mais esclarecido, poderá dizer-nos sèriamente, a sangue frio, qual o título por onde Camillo Castello Branco se tornou singularmente benemérito do seu país? Onde está o feito que deve attrahir-lhe a gratidão pública?

Se ouvirmos os seus admiradores, temos de admittir que o seu grande título de glória sam as suas obras litterárias, nomiàdamente as suas dezenas de romanses. Mas pensemos frìamente: os romanses de Camillo Castello Branco, escriptos sem nenhum intuito moralizador e antes abertamente immoraes em grande parte, terám prestado e continuarám prestando um bom serviço a quem os tem lido e vier a ler? Qual o bem positivo por elles produzido?

E' porventura a leitura de romanses—e principalmente de taes romanses—a que fórma os bons políticos, os negociantes honrados, os chefes de família exemplares, os filhos submissos e obedientes, os empregados públicos zelosos, os militares valentes e briosos, finalmente os cidadãos que honram e engrandecem a pátria? E' a leitura de romanses quem guarda a innocência, inspira a virtude, dá paz às consciências, estreita os laços de família, fomenta a caridade entre os homens, felicita a vida do tempo e previne a da eternidade?

Mas, se o romanse produz normalmente todos os effeitos contrários a estes, que bem póde ter feito à sua pátria o homem que desperdiçou o seu talento na confecção de tam perniciosas obras? Poderá haver alguem de critério são, que não concorde em que Camillo Castello Branco fez muitíssimo mais mal do que bem? Fóra os juïzos de convenção, que só produzem a mentira e o êrro!

Que importam os apregoados talentos litterários do escriptor e a riqueza do seu vocabulário, se elle abusou de tudo isso para fazer mal? Seria justo que se levantasse uma estátua a um assassino famoso, só porque revelou notavel habilidade em praticar os seus crimes, ou os praticou por meio de armas engenhòsamente lavradas?

Discordamos pois fundamentalmente da homenagem que se vai prestar ao infeliz escriptor. Mas o que mais nos repugna é que um dos artigos da glorificação seja a trasladação dos despojos mortaes do romansista para a igreja dos Jerónymos, que é um templo cathólico.

Todos sabem que Camillo Castello Branco terminou os desvarios da sua vida pelo suïcidio: suïcidio longamente premeditado, frìamente calculado, deliberàdamente executado. Morreu pois fóra do grémio da Igreja. Trasladar-lhe portanto o cadaver para um logar sagrado, alem de ser uma profanação impia, é uma violência à última vontade do morto.

Outra coisa que nos impressiona dolorìsamente, a respeito do mesmo assumpto, é ver a inconsciência com que uma folha cathólica pede «que a par do monumento a Camillo... os Poderes Publicos cuidem da sua descendência, que representa uma gloria nacional, e os restos do grande romancista tenham jazida condigna na egreja dos Jeronymos.» Com que então é a imprensa cathólica quem deseja e pede que aquelles que fazem mal á Igreja, morrem fóra do seu grémio e sam por ella excluïdos de sepultura em logar sagrado, sejam, por assim dizer, arremessados ao rosto da mesma Igreja? E' a imprensa cathólica, dizemos, quem requere que se calquem aos pés as sábias disposições da Igreja—que aliás aquella devia defender e zelar — para se glorificar um impio! Como tudo isto é triste!

Outra coisa que mui fundamente nos magôa é ver, numa das principaes commissões encarregadas da glorificação do suïcida, um padre, um cónego—por que lhe havemos de calar o nome, se a imprensa o tem espalhado por todo o país e fóra delle? — o rev. cónego Senna Freitas. Que missão tam imprópria dum padre cathólico o empenhar-se para que seja glorificada no mundo a memória dum homem que, segundo toda a verisemelhança, está condemnado, segregado eternamente da Igreja!

Um ministro de Deus, a imprensa cathólica, a louvar, a apresentar como exemplar a um povo cathólico, um réprobo, um inimigo irreconciliavel do mesmo Deus! Que inversão de ideias! Que perversão dos bons costumes christãos!

Se alguem não gostar desta linguagem, queira fazer-nos o favor de nos demonstrar que estamos em êrro. Emquanto ninguem tiver a caridade de nos desenganar, continuaremos a lamentar a pasmosa decadência em que estám as ideias e costumes christãos neste infortunado país.

L. F.

Exame de consciencia

Vós conheceis a história de Esopo, encarregado por seu amo de lhe apresentar na mesa o que ha de melhor no mundo: o escravo corcunda serve-lhe uma lingua, depois outra lingua, depois uma terceira lingua. Só o adubo variava, a coisa não variava. O amo impacientado muda de phantasia. «Vejamos:» diz ao escravo «apresenta-me agora tudo o que ha de peor». Esopo serve-lhe uma lingua, depois uma lingua, depois uma terceira lingua. O amo irrita-se. «Vejamos:» diz o escravo «não é a lingua o que ha de melhor no mundo e o que no mundo ha de peor? Por ella é que todo o bem e todo o mal chegam á sociedade dos homens».

Ah! se Esopo tivesse conhecido a imprensa, teria buscado e achado não sei que engenhoso modo de servir na mesa de seu amo as vinte e quatro lettras do alphabeto! Eu não duvido que a pastelaria, engenhosamente preparada, possa prestar este serviço. A lingua é limitada na sua operação. E' estreita a esphera onde se move. Falla a poucos homens ao mesmo tempo. Esopo comtudo podia, á falta de melhor e á falta de peor, apresentá-la a seu amo. Mas, se tivesse conhecido a imprensa! Um dos meus assombros é a ausencia de assombro, quando consideramos este poder enorme. E' que nós tambem não o consideramos. Eiz ahi talvez a explicação da nossa quietude. Servimo-nos delle, soffremo-lo; mas não o vemos obrar sobre nós mesmos e sobre os outros, com uma estupefacção digna da sua grandeza. Em frente delle somos activos e passivos. Em ambos os casos somos negligentes. Se a imprensa fizesse, pela primeira vez, á nossa vista a sua apparição na terra, talvez a nossa attenção se concentraria *um momento* sobre ella. Se este poder inaudito saisse armado á nossa vista, pela primeira vez, dum cerebro qualquer, talvez um pouco de espanto acompanharia a sua entrada em scena. Se esta soberana, que nas pregas do seu vestido roçagante tem a vida e a morte das nações, assoalhasse deante de nós, pela primeira vez, as suas pompas e as suas obras, talvez nos lembrariamos que o mundo de hoje por deante vai girar em um novo eixo. Mas a imprensa embalou-nos em seus joelhos em nossa infancia. Tem sido a companheira bôa ou má da nossa vida inteira, tem seguido passo a passo os nossos dias, talvez tambem as nossas noites, e tem-nos dissimulado a enormidade da sua importancia, pela frequencia das suas visitas e continuidade das suas operações.

Quando a vida e a morte entram algures, nuas, visiveis, reconheciveis, armadas dos seus nomes e das suas insignias, com o apparato e solemnidade da sua natureza, á sua passagem descobrem-se as cabeças. Os homens dizem-se uns aos outros: «Ei-las ali!» E cada qual, segundo o alcance do seu olhar, mede a sua esphera de acção. Mas a imprensa!... A imprensa dissimula a vida e a morte com uma habilidade estranha. Occulta a vida e a morte sob as apparencias mais familiares que ha no mundo. Estas apparencias sam tanto mais temiveis, quanto sam mais simplez, mais accessiveis, mais discretas. A imprensa occulta a vida e a morte sob as *especies* duma folha de papel. Oh terrivel folha de papel! E' tanto mais temivel quanto ella o não diz! Apresenta-se com a bondade duma visitante innocente, que vem contar-vos as novas do dia. Apresenta-se sob esta fórma simplez: o jornal.

Um jornal!... Que coisa menos aterradora na apparencia? E' barato, algumas vezes baratissimo; não pésa. Vem numa cinta leve que a mão rasga e despedaça quasi sem dar conta. E quanto menos é o seu apparato, tanto maior é o seu poder.

E' o amigo da casa. Infiltra no sangue dos homens e dos povos a vida e a morte tam suavemente, que os homens e os povos não sentem nem a vida nem a morte infiltrar-se nas suas veias. Bebem-nas sem dar conta. A imprensa insinúa a vida ou a morte, e a insinuação é tanto mais temivel quanto é insensivel. O pão não diz: eu sou pão. A peçonha não diz: eu sou peçonha. Tudo é mascarado; tudo está occulto. Não se sabe o que se bebe e o que se come. Se insisto nesta distincção que dissimúla aos homens a importancia da imprensa, é que ella tem, como a propria imprensa, consequencias enormes, incalculaveis e despercebidas.

Esses homens numerosos e prudentes que se chamam os conservadores e que muitas vezes elles proprios se chamam os *bons*, esses homens conscienciosos, que reflectem em muitos dos seus deveres, folgo de o proclamar, têm refletido sufficientemente nesse dever enorme, essencial, que têm em face da imprensa? A importancia monstruosa desse dever arrisca-se, assim como a importancia da propria imprensa, a passar despercebida.

O homem consciencioso occupa-se muito dos seus deveres privados. Mas occupa-se elle, com interesse tam vivo e tam profundo, desses deveres novos que a sociedade nova, em que vivemos, cria a cada um dos seus membros? Entre esses deveres encontram-se em primeira linha os deveres para com a imprensa. Muitos homens parecem desinteressar-se da vida pública. Entreicheiraram-se com uma modestia lastimavel atrás da muralha da vida privada.

Quer a imprensa falle bem, quer falle mal; quer ella distribua a vida, quer distribua a morte, dir-se-hia que isso não lhes toca. Cuidado! o desinteresse é completamente impossivel! Quer o queirais, quer não, vós fazeis parte dessa sociedade a quem ámanhã de manhã a uma hora fixa será distribuido o pão ou o veneno. Cuidado! Quer o queirais, quer não, vós sois forçosamente membro da humanidade, membro da nação, que comerá o pão ou o veneno, e vós forçosamente soffrereis as consequencias do seu alimento ou as consequencias do seu envenenamento! Cuidado! A solidariedade é a lei deste mundo! E'-vos tam impossivel desinteressar-vos da imprensa bôa ou má, como desinteressar-vos do frio ou do calôr, da saude ou da doença que circula no ar, como desinteressar-vos da vossa vida, como desinteressar-vos da vossa morte, como desinteressar-vos das leis que vos regem, dos alimentos que vos vam nutrir, ou do arsenico que vos vai envenenar.

Disse Alexandre Dumas: «Os livros maus é que fazem sensação. Sam como os jantares que se não digerem; nos jantares que se digegem, já se não pensa no dia seguinte.» E' impossivel citar demais e meditar demais esta palavra. Ella explica talvez o que até agora ficou sem explicação. Explica o amor dos homens para com aquelles que lhes fazem mal. Explica a história moderna. Mas, se explica, não justifica de modo algum. E' medonho que o mal faça tanto mal e que o bem faça tam pouco bem! Explica-se esta monstruosa desproporção (sempre sem se justificar) pela attenção profunda e duravel que se dá ao mal,

pelo esquecimento facil e rapido que se dá ao bem. Com que direito guardaes vossa memoria inteira para esses alimentos perigosos e maus que se fixaram em vossa lembrança, pelo mal que vos fizeram? E com que direito réservaes o esquecimento, um dos males mais incuraveis, para esses alimentos reparadores que vos dispensaram de pensar nelles, porque não vos causaram nenhuma perturbação? A injustiça do homem para com os sustentos phisicos e moraes da sua vida quotidiana é um dos mais tristes phenomenos da nossa natureza e eu creria ter feito uma obra importante, se hoje attrahisse para esta injustiça mortifera a attenção!

(Conclue).

Carta do Porto

Os animos continuam exaltados e desconfiados. As eleições de deputados sam o assumpto do dia nas praças e em casa. Até as senhoras ouvem com interesse o que se diz a tal respeito e por vezes as temos visto emittir a sua opinião. Temolas encontrado de todos os sabores politicos, menos dum, que todas esconjuram como ao mafarrico: é o republicano. E' de crer que muitas, pertencentes a familias republicanas, o sejam tambem, mas pela nossa parte, com quanto conheçamos algumas nestas condições de vida, não conhecemos nenhuma que commungue nessas ideias politicas.

Não têm abraçado a mesma doutrina os franquistas porque, abstendo-se propositadamente de combater o governo não indo á urna nas duas grandes cidades de Lisbôa e Porto, como o seu chefe declarou, não só deixam o campo muito mais livre aos republicanos, mas ainda muitos dos seus eleitores se vam juntar aos inimigos das instituições. Diz-se que é dado em boa moeda ao Rei por não os chamar a presidirem aos destinos da nação. Pela sua parte dizem-se satisfeitissimos do acto que vam praticar, mas ha quem julgue que não podiam seguir caminho mais opposto á consecução desse fim tam desejado e tam querido, mas nunca obtido. Sam senhores da *sua casa* lá se governem, mas os signos não lhes parecem propicios.

Os alpoinistas vêem-se tambem irremediavelmente perdidos para as lides politicas.

Açoutaram o governo com todo o genero de ventos de discordia, agora preparem-se para colherem uma tempestade que promette nada menos do que inutilizá-los a todos.

Para isso—e para o mais que convenha—o chefe do partido regenerador é duma dedicação invejavel para com o chefe rotativo progressista. Nunca os dois simularam melhor um renhido combate á bocca da urna. E de facto os seus partidarios sem graduação vam encristar-se furiosos e não raro acontecerá de comerem-se uns aos outros, talqualmente aconteceu aos esfaimados grillos da fabula. Os commandantes em chefes regozijar-se-ham de ver tanta dedicação por della resultar que só os dois grupos terám merecimentos, só os dois partidos merecerám a approvação dos espectadores—que sam elles mesmos—, só os dois grupos politicos terám aptidões para eleger deputados e estes, com exclusão de todos os mais serám por sua vez os unicos que saibam governar a barca nacional.

Este simulacro de guerra nas potencias politicas e lucta de facto na grei dos dois partidos é meio summamente efficaz para se desfazerem de quem quer que seja que ameace impedir-lhes o passo para, de boa camaradagem, só os dois grandes partidos de rotação disfructarem o usufructo da nação. Como, para a realização deste successo, as disposições crê-se virem do Alto, diz-se que por isso aos alpoinistas não repugna seguirem por um caminho parallelo ao dos franquistas.

E se o resultado final dos dois grupos politicos ha de ser tam semelhante, porque não ha de ser parallelo o caminho que lá os conduz?

Como assim, agora ainda me chega espaço para dizer alguma coisa dos nacionalistas. E não deveriam ser estes apresentados em primeiro logar? Deveriam, se os quisessemos comparar com qualquer desses grupos politicos que discutimos; mas achamos tam digno e tam alevantado o procedimento dos seus respeitabilissimos chefes que nem ousamos compará-los com os das outras escolas e por isso os reservamos para o fim, para saborearmos por mais tempo a sua nobre conducta.

O snr. Jacintho Candido, dizem-nos, envergonha-se de fazer allianças com qualquer grupo monarchico.

Com os republicanos não a faz, porque não deve fazê-la, porque no seu programma está viver e governar dentro das instituições. Por isso só, com a consciencia limpa e livre para louvar o que de bom appareça e para verberar o mal onde quer que elle esteja. Porém como homem de liberdade no bom sentido da palavra, deixa a acção livre aos centros locaes para fazerem o que entendam ser bem.

Este procedimento tam nobre do nosso illustre chefe desagrada a todos os grupos politicos estranhos ao seu, mas agrada immenso á consciencia de todos os homens rectos. Muitos ha que o atacam como politicos adversos, mas que o louvam como cavalheiros quando não discutem os seus interesses pessoaes e partidarios. Louvemos a Deus que ainda não estám completamente perdidos.

R. L.

Carta da aldeia

Um falso propheta

«Guardai-vos dos falsos prophetas que se approximam de vós com vestidos de ovelhas, mas, verdadeiramente, sam lobos roubadores: pelos fructos os conhecereis.»

Saíram estas palavras, um dia, serenas e convincentes, dos labios de Jesus Christo. Doutrinava então o Salvador em Capharnaúm e Bethesaida e pelos arredores formosos destas lindas paragens da Palestina.

Rodeava-o uma copiosa multidão de povo escutando as suas palavras tocantes, cheias de maviosidade e ternura, que infiltravam na alma estranhas commoções nunca dantes sentidas.

A numerosa turba extasiava-se ouvindo-o. Elle era manso e doce, mas fallava com gravidade e imponencia, circundado dum brilhante resplendor celeste.

Ensinava com auctoridade: *potestatem habens.*

Sobre aquelles desolados corações, nas almas tristes do auditorio silencioso caíam, como gottas de orvalho bemdito, as palavras do Messias, cujo vulto se destacava hieraticamente ali.

Foi no dia do sermão das Bem-aventuranças—o melhor refúgio dos tristes, a maior esperança dos desgraçados.

E foi nessa hora solemne, quando o auditorio, arrebatado, avidamente bebia o manancial que jorrava dos labios de Christo, mais puro e mais suave do que a agua que brotou no Horeb ao impulso da vara de Moysés, que se ouviram estas palavras que ainda hoje sam repetidas, a toda a hora, pelo veneravel Representante de Jesus Christo na terra, com o livro do Evangelho na mão: «Guardai-vos dos falsos prophetas. . pelos fructos os conhecereis.»

*

Mas vamos ao caso:

Ha oito dias, era ali da banda de lá do rio Ave, em casa do Prior de Souto.

Cavaqueava-se. Mas era um cavaco sem sabor attico, quer dizer: sem enthusiasmo, sem *iman* que prendesse as attenções de todos. Não, que a gente estava massadissima: Confissões até ás 8 horas da noite!

Era á mesa, á ceia, no fim do esfalfamento.

Eu lia, embevecido, pela primeira vez, um numero de *A Opinião.*

O jornal prendia-me a attenção inteiramente. Ainda que houvesse calor na palestra dos vizinhos, não conseguiriam roubar-me àquelle prazer de alma. Que bem feito! monologava eu.

Mas, dobrando o jornal, perguntei — eu, que não chegara a tempo de ouvir o sermão da tarde—perguntei quem fôra o prègador. Disseram-me: foi o Padre Fulano, e, no fim, ali no adro, houve supplementar evangelização leiga. E poucas mais palavras, ligando pouca importancia ao caso, referindo que se tratava dum pobre diabo, que ia levando a vida de terra em terra, entre o povo ignorante, explorando pingas e iscas.

E nem fiquei a saber o paradeiro occasional do *gajo,* nem mais pela mente me passou reminiscencia delle.

*

Porém, fosse como fosse... com franqueza: por tranquibernias politicas com a junta de parochia da minha freguesia, encontrei-me, de passagem, em Santa Maria de Souto.

Era ao fim da tarde, e os ultimos lampejos de sol primaveril punham fugidios tons alegres nas paisagens que resurgem do tumulo hibernal.

Um camponio meu conhecido, surpreso da minha digressão por ali, larga o trabalho e vem á margem do caminho: «Seja bem apparecido! Ditosos olhos que o vêem! Ha tanto tempo que não tinha este prazer!» Agradeci.

E, vindo a talhe de foice, o dialogo caíu no tom seguinte:

—Estamos contentissimos com o novo parocho. O Padre Faria deixou-nos saudades, muitas saudades! Mas Deus N. S. agora parece que se resolveu a abençoar-nos: o Padre João Andrade vem continuar a obra de regeneração...

—Ambos elles — os dois padres — bondosos, entranhadamente bondosos e prudentes, sam credores do elogio que estou ouvindo, disse eu ao que me referia o bom lavrador.

—Mas não sabe? proseguiu. Appareceu ahi, ha dias, um figurão a prègar, uma especie de antichristo que vai dando que scismar á gente.

Olhe: até o regedor, que é vendeiro, mas que ha bastante tempo não fornecia vinho á freguesia, aproveitando a paragem do homenzinho, abriu o tasco, convidou o *prègador* para arengar á porta... e foi um excellente *ramo.* A pipa esgotou-se num relampago...

Mas vai sendo o démo. O homem prèga de noite, na taberna, aconselha o jogo... e facilita e dá largas a outras coisas ainda peores. Já não faltam casas em brigas abertas, familias que lastimam chorosas a ausencia dos seus chefes por noites inteiras, e coisas do arco da velha.

—Mas então o homem de que religião se inculca apóstolo?

—Não se sabe bem. O que é certo é que *a gente mais mal encaminhada* cá da freguesia escuta-o com attenção, applaude-o e vai já fazendo gréve contra os padres e contra todas as auctoridades.

—Mas não disse ainda ha pouco que o regedor era...

—Ah, sim! O regedor o que quer é vender o vinho na taberna.

Mas que o homem grita contra a auctoridade é certo. Não sei se conhece o caso do Padre Domingos de Basto...

.....

—Pois a proposito delle, contando o caso ao povo, o homem desandou a fustigar o snr. Arcebispo e a elogiar eloquentemente o padre que não *quis as ordens.*

—Não quis as ordens?!!

—Sim. E pegou a dizer que os padres não sabem o que dizem, que é amigo delles, isso é, mas que elles não sabem nada, coitadinhos!

—E falla contra os sacramentos?

—Ai, se falla! Anda ahi toda a bréjeirada satisfeita. Elle diz que não é precisa a confissão. Que basta dizer: «Deus, perdoai-me!» para se ir para o ceu.

—Mas o homem diz isso sem mais nada? diz isso em absoluto, quer dizer: garante que seja possivel entrar-se assim pelas portas do ceu dentro, em todas as circumstancias, mesmo quando é possivel e até facil ao christão confessar-se? e insinúa que basta aquella exclamação nos labios sem proceder do coração contrito, mesmo que seja na hora extrema?

—Não sei bem. Mas o que sei é que elle diz claramente isto: a confissão não é precisa para nada. Basta que Deus perdôe.

—Bôa vai ella! E o Abbade sabe disso?

—Soube-o ha pouco. Até o *figurão* teve o descaro de se dirigir a elle nestes termos: «O' senhor Abbade, não se esqueça de annunciar lá na missa que ás tantas horas ha sermão e... terço na venda da snr.ª Antoninha.»

E o que é certo é que a concorrencia aos *sermões* do homem é muito maior que a concorrencia á igreja, apesar de estarmos na quaresma.

Inda hontem se deu lá um caso que esteve a ser muito sério.

Um ouvinte estava de chapeu na cabeça

Outro, que era mais *devoto,* intimou-o a tirar o chapeu, gritando-lhe: «Maçonico! hereje!»

E esteve a armar-se um banzé dos demonios. E, se assim for, qualquer dia até póde haver mortes.

—Mas alguma gente séria acredita-o ou escuta-o?

—Não senhor! é a peor gente da freguesia, como já disse. Os taberneiros sam os mais fervorosos apologistas.

E—coisa notavel—quando elle prèga num tasco, os outros fecham as portas.

—E' para concentrar as attenções...

—Mas os tratantes nunca fecharam as portas à hora em que ha exercicios de piedade na igreja!...

—E como é que elle ajunta o povo?

—Toca uma buzina; e, alem disso, olhe: domingo não foi elle ao terço nem á benção do Santissimo Sacramento; mas appareceu, no fim, no adro da igreja, a convidar a todos para... o sermão.

E, lá no tasco, a todos que entram pede 10 reis p'ra cant'ra.

—Mas que é isso de cant'ra?

—E' para beber. E bebe continuamente. Alguns até julgam *milagre* a abundancia do vinho...

—Pois elle... um *ramo* que não é de pau...

—Mas havia de o senhor ouvi-lo! E depois é uma cara bonita, o maroto! Mas havia de o senhor ouvi-lo quando se pôi a imitar o Frei Manuel das Chagas... e as mulheres a chorar á roda...

«O' Virgem! Eu peço á Virgem e vós haveis de ir p'ro ceu todos!»

*

Mas ha por ahi umas mulheres perdidas; até ha uma casa de porta aberta.

Pois o homenzinho não tolera que se diga mal das *mundainas.* «Padres... fôrca!» «*Mundainas*... deixá-las lá!»

Mas não prèga apenas. Como o exemplo é mais forte para convencer, dá o exemplo dos peores vicios.

*

Bem. Precisava de fallar com o Abbade para colher positivas informações.

A sombra caía a envolver a aldeia e o Abbade regressava de Mesão Frio, onde fôra assistir ao funeral do Barão de Paçô.

Apiei e pernoitei ali.

.....

Ao outro dia, no fim da Missa, emquanto, duma janella do presbyterio de Santa Maria de Souto, circumvagava o meu olhar pela extensa e pittoresca ribeira que o Ave atravessa, perguntei ao Abbade:

—Leu, ha dias, em *A Palavra,* um artigo de Diogenes: *Os Cigarros dum Padre?*

—Li.

—Pois eu não tornei mais a fumar. Eu não fumei nunca *por hábito,* como lá dizia tambem o auctor do artigo...

O que é certo é que não gastei mais uma de cinco em cigarros. Mas hoje estou resolvido a fundir 40 reis em *Pachás.*

—Óra essa!

—E' como lhe digo. O homem dos *sermões,* o Gapony cà do vulgo, está, pelos jeitos, a esta hora, no tasco. Não dispenso uma entrevista. Mas como hei de conseguí-lo?

—Indo comprar cigarros!?

—Exactamente.

E fui em companhia do Abbade.

Eu entrei a pedir os cigarros.

Lá topei o homem, encostado ao balcão.

Cumprimentou-me com um surriso malicioso, que eu aproveitei logo para o meu intento. Lobrigando o Abbade, saiu a cumprimentá-lo tambem, mas agora mais francamente, como conhecido e... amigo cooperador.

Então pude apreciar o seu vulto allumiado á luz clara do dia. Lá dentro, o ambiente era velado, escurecido, ou mo pareceu a mim, pelo acanhado do recinto e pelos aspectos escurentados das vasilhas de petroleo e de azeite.

O *apostolo* fallava vasconso. Mas talvez fosse linguagem por accidente... Vilhe no labio superior um *rictus* avermelhado e espesso... incontestavel, inilludivel inculca dum genuino e authentico sacerdote de Baccho.

A testa era chata. O olhar parado, como que embaciado pela morbidez dum cerebro em desarranjo.

A minha inquietação, a avidez do meu espirito pela entrevista *religiosa* era um tormento...

E á mercê do meu temperamento, em viva ansiedade, precipitei o successo. Offereço um *pachá* ao homem e dirijo-me bruscamente ao Abbade: V. Rev.ª diz que tem agora um coadjutor?!

—Quem lhe disse tal?

—Informaram-me disso hontem, logo que entrei na freguesia. Diz que anda ahi um *pandego* a prègar pela aldeia, um *pandego* que não vai á Missa nem frequenta os sacramentos...

E o Abbade logo: «Então é este cavalheiro!»

Agarrei-me logo ao homem—espiritualmente, claro (que eu não sou discipulo de Mahomet) e fui tocando o realejo até ouvir o reportorio todo.

Oh céus! que chorrilho de asneiras! E lá feriu todas as notas que me tinham annunciado na vespera.

Querem ver?

Atirou-me com isto: «Nós somos todos bons, todos santos.»

Observei-lhe: Então para que anda Você a prègar? Se todos somos santos é inutil a sua prègação, por dispensavel.

Torna elle: «Deus auctorizou-nos a todos a prègar.»

—Mau! cotinuei: donde consta isso? Você sabe que J. Christo escolheu os Apostolos e disse-lhes...«Tudo o que ligardes na terra será ligado no ceu; e tudo que desatardes na terra será desatado no ceu; e só aos Apóstolos mandou prègar por todo o mundo, dizendo-lhes: «Ide pois e ensinai todas as gentes.»

Exige a todos a fé e a profissão da fé mas só aos apostolos mandou prègar.

E o homem, desapontado, perdida a tramontana, grita para dentro do tasco: «Deixe-me vêr para cá esse livro! (estava o *evangelho* entre as iscas e a torneira) passe-me para aqui esse livro. Vamos ao sermão! Vamos ao sermão! Ouvir a palavra de Deus, a palavra de Deus que está aqui!»

Veiu o livro. Era a *Missão abreviada.*

Caí das nuvens.

Parecia-me um paradoxo.

E emquanto eu ia folheando o livro, dialogava o Abbade: «Você aonde vai dar preceito agora na quaresma?»

E o figurão: «Deus está acolá no alto daquelle monte...»

O Abbade: «Você anda ahi a prègar tolices ao povo. Ora eu aviso-o de que estou resolvido a impedir-lhe a prègação por qualquer meio. Se quer calar-se, está bem. Se não, irá preso e...

...«qual preso!» Atalha o *gajo* «Se fôr preso volto logo. Eu tenho lá amigos grandes, graúdos» (E é isto: os fanaticos, os impostores, os *escroques* têm *amigos* graúdos: impunidade garantida).

E por ali fóra seguiu na justificação da sua doutrina, caindo aqui e além, aos solavancos, em zigue-zagues como um ebrio, caindo em flagrantes contradicções.

Mas ajuntou-se mulherio, e um laponio começou a vociferar contra mim e contra o Abbade e mais contra um seminarista presente, que ia atacando rudemente o *apostolo* farçante.

Ao seminarista, que é já Subdiacono, respondia invariavelmente o mariola: «O snr. Padre Joãozinho ha de dar um grande prègador»

E emquanto o laponio, com pasmosa imbecilidade, defendia o homem dos *sermões* no tasco com uma objurgatoria estafada contra nós, segredou-me ao ouvido o meu informador da vespera: «Aquelle é um dos taberneiros que aproveitam o homenzinho para *ramo* da taberna e que têm feito um negociarrão com a história dos *sermões.*

*

O homem, incontestavelmente, é um torpissimo explorador, um comediante. Mas... não será um dementado?

A doutrina que o parvo expôi, afinal de contas, é um estendal de asneiras, com resaibos jausenistas... ás vezes.

E elle abre o ceu a quantos intrujões apparecem, a quantos tratantes lhe pagam... vinho e iscas.

O snr. Administrador do concelho deve a estas horas ter providenciado sobre o lamentavel caso de que pódem resultar gravissimas consequencias.

Eu vi imminente um conflicto entre populares que discutiam as doutrinas do farçante.

Parece incrivel! Eu, quando recordo a selvajaria com que se apupam e se apedrejam os benemeritos missionarios —entre elles quantos sabios illustres!—e me lembro de que o nosso povo acolhe assim, com beatifica piedade e veneração, um tôlo abjecto, um cretino repugnante e cynico, eu exclamo com Herculano: «Isto dá vontade de morrer!»

GERVASIO LUCAS.

Objectos suissos, de muita utilidade e bom gosto, proprios para brindes, só se encontram na Typographia Minerva Vimaranense, rua de Payo Galvão—Guimarães.

SCIENCIA PARA TODOS

A AGUA FERVIDA

SUMMARIO: Perigos da agua canalizada —Bacillo typhoide—Virtudes da agua fervida—Imitemos os orientaes

As grandes povoações estám quasi sempre sob o regime da agua fervida, aconselhado pelos hygienistas em todas as estações do anno, por possuirem aqueductos, canalização e depositos de agua.

A's vezes, no estio, não ha agua bastante nos depositos e a que ha é de pessima qualidade, por ser escassa a que levam os rios que os nutrem. Na primavera quasi sempre ha abundancia e no outomno e inverno está carregada de materias organicas porque as chuvas turvam frequentemente os rios e os filtros não sam tam perfeitos como seria para desejar, devendo accrescentar-se a isto que num dia estala um tubo, noutro funde-se um aqueducto, noutro apparece uma infiltração pestifera, o que, como todas as avarias e contratempos que acontecem nesta especie de obras, será um factor que influa bastante na saude pública.

Se se deve terminar por ter que ferver a agua para se beber pura, debaixo do ponto de vista hygienico, achamos coisa inutil gastar milhões e milhões em construir tantos depositos, tantas canalizações e tantos aqueductos para trazer a agua de regiões distantes.

Nada se lucra com isso, ou antes, o que se lucra é converter em variavel o bacillo da febre typhoide que dantes era mais constante.

Porém isto é um bem ou um mal? Conforme. Supponhamos que em logar de aguas alternativamente puras e impuras tivessemos sempre á disposição apenas aguas impuras. O que fariamos? Devidamente advertidos não teriamos senão dois partidos a tomar: ou beber a agua sempre fervida para conservarmos a saude, ou bebê-la por ferver, tal qual faziam nossos avós, e andarmos quasi sempre doentes, a não ser que já nos tivessemos aclimatado ou vaccinado, sem sabê-lo, com a absorpção continua do germe typhoideo.

Com o systema actual de destribuição de microbios ao domicilio estamos sempre na situação dos antigos forasteiros ou recem-chegados a uma povoação servida por aguas impuras. Durante os periodos da agua pura o nosso intestino desacostuma-se do veneno, e no momento das descargas typhoides não devemos contar senão com os nossos proprios meios de defêsa. De maneira que vivemos sempre em contínuo perigo de succumbirmos á febre, principalmente em occasião de epidemia. O unico meio de obstarmos a isso é seguir o regime da agua fervida, e até seria preferivel bebê-la quente, como fazem os chins e japoneses. Isto é uma questão de costume facil de adquirir.

Diz-se que a agua fervida é pesada e indigesta. A's vezes assim acontece quando ella é de má qualidade e está carregada de materias organicas. Porém quando de bôa qualidade, fervida durante cinco minutos e depois areada durante uma noite pelo esfriamento lento póde ser bebida sem inconveniente.

E' evidente que o emprego da agua fervida nos levaria, como aos orientaes, ao uso das infusões quentes de chá ou plantas aromaticas. E essas infusões, longe de ser indigestas, ajudam a digestão e activam a secreção do succo gastrico. Sam tambem a melhor bebida que póde aconselhar-se aos dyspepticos e, em geral, a todos os que soffrem dos rins, do estomago e dos intestinos.

Assim poderemos aproveitar as aguas correntes que estejam mais perto de nós e poupar-se-ham grandes sommas de dinheiro em ir buscá-las longe e canalizá-las.

Esse dinheiro deve empregar-se em obras mais uteis, mesmo concernentes á hygiene das povoações, como é arborização das ruas, construcção de casas amplas e arejadas, canalização das aguas para esgotos, etc., etc.

DR. ARCOS.

CURIOSIDADES

Contrabando.—Um taberneiro de Riga, chamado Halter, munido de uma perna de pau, fazia frequentes viagens. Passava e repassava a fronteira russo-allemã. Os empregados da alfandega, habituados a vê-lo, não pensavam em interrogá-lo. Comtudo um delles descobriu ultimamente, em consequencia duma circunstancia fortuita, que a sua perna de pau era oca. Examinando-a encontraram-na cheia de revolvers, que foram immediatamente confiscados. Como, segundo a lei russa, a apprehensão se applica tambem aos objectos que contêm o contrabando, Halter teve de deixar a sua perna de pau na fronteira. Voltou á sua terra numa só perna.

Bolido.—Um lavrador hungaro, de nome Miguel Fazekas, nos princípios do mês de setembro encontrou a morte perto da aldeia de Margitta. O cadaver estava horrorosamente esmigalhado, e a princípio creu-se nalgum assassinato acompanhado de circunstancias mysteriosas. Ora o inquerito judiciario revelou que o homem foi morto pela quéda dum bolido caido do ceu.

Encontrou-se effectivamente na vizinhança immediata alguns fragmentos duma materia ennegrecida que provém indubitavelmente dum bolido. Algumas pessôas que viram passar o projectil celeste na atmosphera, vieram confirmar este ponto. Um semelhante accidente é excessivamente raro. Calcula-se que não se dá senão uma ou duas vezes no curso dum seculo. Tanto melhor. Comtudo olhemos para o ar.

Como o diabo as arma. — Descobriu-se em Vosselaer, na Belgica, em circunstancias muito curiosas, uma officina de moedeiros falsos. Andava um fiscal á caça com um dos seus amigos. Feriu uma lebre, que, apesar disso, ainda se póde encovar. O caçador tentou apanhá-la mettendo o braço na cova. Não apanhou a lebre que se metteu para o interior da terra, mas encontrou os aprestos de moedeiros falsos e numerosas moedas falsas. Foi prevenido immediatamente o tribunal de Turnhout, o qual se dirigiu a Vosselaer, abriu um inquerito e mandou prender dois habitantes da communa, na casa dos quaes uma busca fez descobrir moedas falsas semelhantes ás que tinham sido encontradas na cova. Não diz o periodico, donde transcrevemos esta noticia, que a lebre foi recompensada. Pois merecia-o.

Periodico.—Fundou-se em Inglaterra um periodico hebdomadario a um penny, (um vintem) destinado aos cegos, o *Braille Weekly*, do nome de Braille, cidadão francês cego, morto em 1852, que inventou os caracteres em relevo para uso dos cegos. Uns novos processos tornam a impressão muito barata. O *Braille Weekly* acha-se em condicções de reproduzir os telegrammas e os artigos de numerosos periodicos e de dar estudos respeitantes a politica estranjeira e politica interior, sciencia, artes, diversões, etc. Os pobres cegos cada vez mais entram na vida commum. Sam dignos de compaixão.

Peixes. — Velocidade dos peixes de agua doce, segundo um piscicultor de Postdam. A prioridade pertence á truta que é o mais veloz; depois vem a solha e em seguida o barbo e emfim a enguia e a carpa.

Perfumes.—Eiz-aqui como se perfumam os soberanos: Eduardo VII manifesta uma accentuada preferencia ao almiscar; Victor Manuel III prefere o heliotropio; Guilherme II inunda-se de ylang-ylang e corylopsis; Abdul-Hamid banha-se em ondas de violeta, açucena e agua de cidreira; Oscar II gosta de humedecer de Chypre as suas luvas de pelle de Suecia; Francisco José não se perfuma e Nicolau II perfuma-se pouco. A rainha Wilhelmina de Hollanda só emprega agua pura.

Natação. — Quer o leitor aprender a nadar? Tome duas bexigas assás resistentes, encha-as de ar e ligue-as uma á outra; lance-se á agua e ponha a barbella no ponto de ligação e facilmente se manterá com a cabeça acima do nivel da agua e numa postura muito favoravel ao exercicio da natação. O saber nadar offerece vantagens qne se não podem desprezar.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—**Archivo de Legislação.** — Este hebdomadario publica semanalmente todos os diplomas officiaes que apparecem no *Diario do Governo*, sendo uns — os de interesse geral — publicados na intrega, e os outros, por extracto ou summario. E' um repositorio de legislação, um elucidario indispensavel aos magistrados judiciaes, funccionarios administrativos, fiscaes ou de fazenda; a todos que lidam no fôro ou exercem cargos officiaes, sejam estes de que natureza forem.

Está publicado e em destribuição o numero 23, sendo o preço da assignatura, pagamento adeantado, por trimestre, ou série de 12 numeros, 600 reis.

A correspondencia deve ser dirigida para a rua de S. Mamede, 107 a 113, ao L. do Caldas—Lisbôa.

—**Codigo de Processo Commercial.** — A «Bibliotheca Popular de Legislação», com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisbôa, acaba de concluir a nova publicação do Codigo de Processo Commercial, approvado por decreto de 14 de dezembro de 1905, comprehendendo tambem as disposições sobre fallencias.

Com a publicação deste Codigo ficam revogados o Codigo de Fallencias (26 de julho de 1899) e Codigo de Processo Commercial (13 de maio de 1896).

O seu preço, franco de porte, é de 200 reis, quantia esta que deverá ser enviada em estampilhas de 25 reis, ou em vale de correio.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Estando em cobrança o 1.º semestre do 3.º anno de *A Restauração*, rogamos a todos os snrs. assignantes o penhorante obsequio de satisfazerem os recibos logo que estes lhes sejam apresentados, ou mandarem liquidá-los nas estações postaes logo que para isso lhes sejam enviados os respectivos avisos.

Não podemos deixar de agradecer, neste momento, àquelles dos nossos obsequiosos cooperadores que sempre têm pago adiantadamente as suas asignaturas, bem como aos que pagam pontualmente os recibos logo que estes lhes sam apresentados ou que para isso recebem aviso.

A par daquelles, que sam poucos, e destes que sam bastantes, felizmente, e que sam, aquelles e estes, com quem contamos para o regular seguimento da nossa publicação, temos outros que ainda nos devem a sua assignatura desde o n.º 1, que foi publicado em 1 de dezembro de 1903, sem que até hoje tenham devolvido o jornal, demora esta que nos occasiona grandes embaraços no serviço de administração, e sacrificios que se evitavam se soubessem cumprir religiosamente o seu dever, pois que, quando se não deseja cooperar numa obra, seja ella qual fôr, mas principalmente na publicação de um jornal que se destina exclusivamente á diffusão de sãs doutrinas, têm ao seu dispôr um meio simples, e demais a mais gratuito, só com o aliás insignificante incommodo de escrever — *devolvido á redacção* — e mandar lançar na caixa do correio mais proxima o 1.º numero que se receba.

A estes, portanto, fazemos um último appello para que mandem liquidar os seus debitos, na certeza de que nos é absolutamente impossivel continuar a enviar-lhes o nosso modesto semanario na dúvida de recebermos o preço da assignatura.

Não podendo levar a bem que nos preguem o *calote* que monta a algumas dezenas de mil reis, reservamo-nos ulterior procedimento se não fôr agora attendido e nosso justo e tantas vezes repetido e outras tantas olvidado pedido.

A administração.

—✻—

Recenseamento eleitoral. — Foi prorogado até ao dia 20 do corrente mês o prazo para a conclusão dos serviços do recenseamento eleitoral neste concelho.

—✻—

Dividendo.—Acha-se em pagamento na thesouraria do Banco Commercial de Guimarães o dividendo de 2 1/2 p. c., livre do imposto de rendimento, relativo ao 2.º semestre de 1905, que aquelle banco distribue aos seus accionistas.

No Porto é feito este pagamente na séde da Nova Companhia de Seguros Douro.

Transcripções. — Agradecemos mais uma vez aos nossos collegas da imprensa a honra com que tam frequentemente nos distinguem, transcrevendo escriptos aqui publicados. Por mais recentes, especificaremos hoje o *Correio da Tarde*, do Funchal, que transcreveu um numero da «Sciencia para todos», do nosso illustrado Dr. Arcos, e «Um conto azul-celeste», do nosso zeloso Delphim Maria; e *A Opinião*, de Lisbôa, que reproduziu «Um conto liláceo», do mesmo illustre Delphim Maria. Como a doutrina de taes escriptos não é má, já não é pequena ajuda para os intuitos da nossa propaganda a méra transcripção: ao favor completo de se juntar á reproducção dos escriptos uma simplez menção da sua proveniencia, não temos por ora a pretenção de aspirar. Incumbe-nos porém o grato dever de assignalar este favor completo por parte de *A Palavra*, que, transcrevendo no seu número de hoje a nossa nota «A dignidade dum padre» (do número passado), nos faz a gentileza de indicar a proveniencia. Dobrados agradecimentos.

—✻—

Sociedade Martins Sarmento.—Realisou-se hoje, no edificio desta sociedade, com grande concorrencia, a sessão solemne de distribuição de premios aos mais distinctos alumnos das diversas escolas deste concelho.

Presidiu ao acto o snr. presidente da camara, rev. João Gomes de Oliveira Guimarães, lendo o discurso de abertura o snr. dr. Joaquim José de Meira, presidente da sociedade, ao qual respondeu o snr. presidente da camara.

Em seguida á distribuição de premios fizeram uso da palavra um menino, de que agora nos não occorre o nome, e os snrs. dr. Fernando Gilberto Pereira, Padre Gaspar Roriz, dr. Eduardo de Almeida e Mario Vieira, tendo este feito entrega de um envelope contendo tres premios pecuniarios para os seus alumnos, de preferencia pobres, para os annos de 1907, 1908 e 1909, acto que julgamos digno de imitação.

O snr. Mario Vieira, professor official da freguesia da Oliveira, foi contemplado com o premio de 50$000 reis instituido pela camara municipal.

O premio *Venancio* coube ao alumno José Joaquim de Castro Meirelles.

Tambem foram distribuidos outros premios á sorte.

—✻—

Recrutamento. — De harmonia com os artigos 135, 136 e 137 da lei do recrutamento, devem fazer-se durante o mês de março as reclamações do serviço militar dos mancebos recenseados no corrente anno que frequentem o curso theologico em qualquer seminario ou na universidade, bem como aquelles que tenham algum irmão servindo na praça.

Aviso aos interessados.

—✻—

Bombeiros Voluntarios.—No dia 19 do corrente, festa do Patriarcha S. José, e anniversario da installação da humanitaria corporação dos Bombeiros Voluntarios desta cidade, serám promovidos grandes festejos para solemnisar aquella data.

—✻—

SERMÕES

do Veneravel Padre SEGNERI, da Companhia de Jesus

(O Cicero christão)

Seguidos de observações criticas pelo reverendo JUAN MARIA SOLÁ da mesma Companhia

Traduzidos em português pelo Presbytero

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice„ e redactor da "Revista Catholica„

A Empresa da *Revista Catholica*, de Vizeu, no intuito de fornecer aos reverendos sacerdotes e parochos o melhor e mais puro modelo de oratoria sagrada, principiou a publicar os monumentaes **Sermões** do grande orador sagrado, o Veneravel PADRE SEGNERI, da Companhia de Jesus.

O titulo glorioso de *Cicero christão* com que o Veneravel Padre e zelosissimo missionario apostolico italiano é conhecido em todo o mundo sabio, só por si, sam a mais alta recommendação da obra que vai sair a lume.

Para se avaliar a sua importancia e necessidade, vamos transcrever do Prologo o testemunho auctorizado de Guilherme Audisio, presidente da Academia de Soperga, em Turim, e mais tarde conego de S. Pedro no Vaticano e lente de direito da Universidade da Sapiencia em Roma, que deixou escripto nas suas formosas *Lições de Eloquência Sagrada* que dedicou ao immortal Pontifice Pio IX:

"Segneri, o grande Segneri, nascido em Nettuno (provincia romana) em 1624, grande pela natureza e tornado ainda maior pelo estudo que fez, incansavelmente, nos modelos de toda a litteratura classica italiana, tomou sobre si o honroso encargo, luctando contra uma nação inteira, de despertar o genio oratorio de Cicero. Começou por lançar fóra da eloquência sagrada os ornatos profanos, as metaphoras empoladas, e os caprichos que a ignorancia dos seculos precedentes tinha introduzido, e o mau gosto daquelle tempo tinha desmedidamente augmentado.

"Pôs-se a tratar, não assumptos paradoxaes, de que, como diz Roberti, ao menos uma quarta parte era falso, onde o orador se via em sérios embaraços para reduzí-los a um sentido verdadeiro e catholico; não proposições exquisitas, que não visavam a instruir, mas a impôr-se pela novidade: mas sim verdades christãs, e não só christãs mas práticas; demonstrando-as quasi sempre com a auctoridade das Sagradas Escripturas e dos Padres, com o sentimento e com a razão.

"Depois de assim escolhida entre as verdades mais uteis e solidas a sua proposição, que enuncia com fôrça e lucidez, desce à disposição das provas.

"E nenhum outro orador, quer sagrado quer profano, jàmais as dispôs com magisterio mais subtil de sabedoria, encadeando-as entre si, apertando o ouvinte com vinculos tam fortes, que lhe tornava a um tempo necessario e dôce o render-se.

"E tanto no convencer como na promoção dos affectos, é sempre e em toda a parte, a par de Demosthene, o orador popular.

"Como sabe encarnar e colorir as provas, servindo-se de imagens!

"Como a attenção, que facilmente cairia enfraquecida e extincta na aridez do raciocinio, é por elle avivada, já com a belleza das narrações, já com um dialogo franco e natural, que não abandonando a si mesmo os ouvintes conciliava para o discurso a vivacidade e o deleite de conversação animada!

"Como o seu estylo é nobre e elegante, energico e forte!

"Cada palavra sua, escreve Andres, é a mais apropriada, cada phrase a mais expressiva, cada periodo o mais justamente medido, as expressões significativas e opportunas, as figuras bem manejadas, e todas as luzes da dicção empregadas com maestria e facilidade.

"Se faz uma narração, pinta-a com as côres mais naturaes e verdadeiras; se move um affecto, estimula-o com a fôrça mais viva e ardente; se quer amplificar um sentimento, apresenta-o com maior luz, e com dignidade mais nobre; e o seu estylo brilha com os ornatos duma fecundia natural, sem os vicios desmedidos duma affectação estudada.„

E basta de citação para se ajuizar do que é esta obra.
A seguir serám tambem publicados os

SERMÕES ABREVIADOS para todos os domingos do anno

POR

Santo Affonso Maria de Ligorio

Condições da assignatura

A obra é distribuida em fasciculos de cinco folhas magnificamente impressas em optimo papel, de formato 8.º grande.

Cada fasciculo custará apenas 160 reis, que serám pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberám os fasciculos pelo correio sem augmento de preço, e pagarám de cinco em cinco fasciculos, para o que lhes serám enviados pelas respectivas estações postaes os competentes recibos. A distribuição será feita com a maxima regularidade.

Tem direito a um exemplar quem angariar dez assignaturas e se responsabilizar pelo seu pagamento.

A empresa acceita correspondentes em todas as terras onde os não tem, dando referencias naquella cidade.

ANNUARIO DO DISTRICTO DE BRAGA

Commercial, industrial, agricola, burocratico, biographico, descriptivo e chorographico

para 1906

DIRIGIDO POR LAURINDO COSTA

EDIÇÃO ILLUSTRADA

Acaba de ser posto á venda este valioso elucidario que traz informação segura de todos os concelhos do districto de Braga, pelo que se torna uma obra altamente indispensavel a todas as repartições públicas, casas de commercio, fabricas, estabelecimentos bancarios, e a advogados, medicos, pharmaceuticos, proprietarios e agricultores, *em edição muito primorosa, e illustrada com retratos e biographias de filhos de Braga, que pelo seu talento se têm distinguido, em carreiras litterarias, scientificas e artisticas.*

Um grosso volume de cerca de 500 paginas, impresso em bom papel, 500 reis, pelo correio 550 reis.

Empresa editora de *A Folha do Minho*, rua Rodrigues de Carvalho, 46, 1.º—Braga.

Em Guimarães—Livraria Freitas.

Pauvert

O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e fructos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

«*O Valle das Lagrimas* é um assombro de sentimento christão, a mais bella e fortificante apotheóse dessa gota-estrella, divinizada por todos os poetas religiosos e chamada com eufonia — a lagrima».

Preço, franco de porte, em brochura — 200 reis. Encadernação de luxo — 300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

HISTORIA SAGRADA

DO

ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

(Vida de Jesus-Christo e dos primeiros apóstolos) acompanhada de 30 gravuras e de dois mappas e um plano de Jerusalem

PELA

«ESTRELLA DO NORTE»

Com approvação do Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, brochada—160 reis. Cartonada — 200 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

SYNOPSE

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma emprêsa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis persaspelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberám a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portuguêsa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco — VIZEU

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas

POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrin-douradas	1$000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca,** RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos.**